

A influência das Mídias Digitais na Comunicação do Casal
The Influence of the Digital Media in the Marital Communication

Cristiane Maria Sbardelotto Hoffmeister¹

Patrícia Scheeren²

Resumo

O presente estudo teve como objetivo avaliar a relação entre a comunicação conjugal e o uso das mídias digitais, particularmente aquelas usadas para troca de mensagens instantâneas, tipo o aplicativo WhatsApp. A amostra foi constituída por 123 sujeitos, que responderam a um questionário disponibilizado online. Os instrumentos utilizados foram um questionário de dados sociodemográficos, questionário para avaliar o uso das mídias digitais na relação conjugal, Escala Revisada de Ajustamento Conjugal (RDAS-P) e Questionário sobre Comunicação Conjugal. Os resultados apontaram que 93,5% dos participantes utilizam o aplicativo WhatsApp para se comunicar com o(a) parceiro(a) na grande maioria todos os dias (62%). Verificou-se, igualmente, uma forte correlação entre os níveis de ajustamento conjugal e a boa comunicação conjugal. Esses resultados apontam que o uso da mídia parece facilitar a comunicação do casal com relação a assuntos do cotidiano, não interferindo na comunicação de assuntos mais íntimos que parecem preservados pelos casais em conversas face-a-face.

Palavras-chave: conjugalidade; mídias digitais; comunicação; casal.

Abstract

The present study aimed to investigate the relationship between marital communication and the use of digital media, particularly those used for instant messaging, such as the WhatsApp application. The sample consisted of 123 subjects, who answered an online sociodemographic questionnaire, a questionnaire to evaluate the use of digital media, the Revised Scale of Conjugal Adjustment (RDAS-P), and the Questionnaire of Conjugal Communication. The results showed that the vast majority (93.5%)

1 Especialista em Ciência da Computação pela UFRGS e em Terapia de Casal e Família – Abordagem Sistêmica pela UNISINOS, membro titular da AGATEF/ABRATEF. E-mail: cristianemsh@gmail.com

2 Psicóloga, Doutora em Psicologia pela UFRGS, Mestre em Psico-criminologia e Vitimologia pela Université Pierre Mendès France, Especialista em Terapias Individual, Familiar e de Casal - Abordagem Sistêmico-Integrativa. E-mail: pscheeren@gmail.com

of the participants use WhatsApp to communicate daily with their (62%). There was also a strong correlation between levels of marital adjustment and good marital communication. These results point out that the use of the media seems to facilitate the couple's communication in relation to daily affairs, not interfering in the communication of more intimate subjects that seem to be preserved by the couples through face-to-face conversations.

Keywords: *digital media; couple's communication; conjugal relationship; marital communication.*

Na vida contemporânea, percebe-se que as pessoas estão sujeitas, direta ou indiretamente, à interferência de mídias em seu cotidiano. Hoje, é tão natural conversar através de uma mídia digital, como um aplicativo de troca de mensagens, por exemplo o *WhatsApp*, que recentes pesquisas mostram que mais da metade dos brasileiros que acessam a internet, utilizam esse aplicativo como meio digital de comunicação (Brasil, 2014).

Considerando a comunicação conjugal essa realidade não é diferente. O homem atual, em consequência do acesso à tecnologia, está se relacionando de outra maneira com o mundo em que vive (Farah, 2004). Portanto, também a relação conjugal se modificou, no que tange ao tempo que o casal dispõe para estar junto, tempo que cada membro do casal envolve-se com a vida profissional, necessidade de viagens a trabalho, tempo de locomoção nas grandes cidades, entre outros, de forma que tais mudanças contribuem consideravelmente para o crescente uso das mídias digitais: Tais fatores vão ao encontro da demanda atual de autonomia, praticidade e satisfação da individualidade na vida contemporânea, porém impõe reflexos na vida conjugal, uma vez que a relação exige tempo compartilhado, intimidade e um diálogo promotor de desenvolvimento, bem-estar e satisfação para ambos os cônjuges (Scorsolini-Comin, 2011).

Constituir um casal demanda a criação de uma identidade conjugal, que na visão sistêmica, corresponde a um processo complexo de construção de uma realidade comum, construída a partir de trocas verbais e não verbais entre os parceiros, no qual cada um experimenta uma reconstrução de sua realidade individual e as mudanças de um afeta o outro. Estas influências recíprocas dizem respeito a dinâmica do sistema familiar, em que a família é entendida como um sistema circular, cujas transições estão extremamente interligadas (Cerveny & Berthoud, 2004 apud Silveira & Oliveira, 2016). Neste sentido, a Terapia Sistêmica é uma abordagem que trabalha todos os membros da família, resolvendo os conflitos através da compreensão dos seus padrões rígidos de funcionamento, permitindo uma análise da situação presente, na busca de ações geradoras de mudanças. E por provocar mudanças em toda a família, “a melhora pode ser duradoura, porque cada membro da família é modificado e continua provocando mudanças sincrônicas nos outros”. (Nichols & Schwartz, 2007).

A formação da conjugalidade deve ser vista como contínua e, não meramente envolvendo as fases iniciais de engajamento amoroso, pois são os padrões de relacionamento e sua qualidade

que, ao longo do tempo, permitem que resista às diversas circunstâncias, às mudanças previsíveis e imprevisíveis do ciclo de vida (Féres-Carneiro & Neto, 2010). Nesses, de modo geral, compreende-se o amor, o consenso, a flexibilidade, a utilização de estratégias construtivas para a resolução de conflitos conjugais, o tipo de comunicação entre o casal, o cuidado mútuo, o cultivo da amizade e a existência de projetos de vida comuns (Wagner, 2015).

Dentre esses vários aspectos, este estudo privilegia a comunicação, que permeia toda a interação do casal (Heckler, 2016) e é indispensável em qualquer relacionamento, a tal ponto que quando a comunicação não existe ou é ineficaz, o relacionamento adoece ou entra em crise (De Beni, 2005). Todo ser humano, desde que nasce, tem uma necessidade e uma exigência profunda de comunicar-se. “As pessoas estão sempre se comunicando”, este foi o primeiro axioma desenvolvido pelos teóricos da comunicação (Nichols & Schwartz, 2007). Todo comportamento é comunicativo e a comunicação aumenta a proximidade e a ligação entre as pessoas, é o caminho natural, através do qual nós nos compreendemos, e se estabelecem relacionamentos afetivos adequados, e, sobretudo, se procura conviver (De Beni, 2005). Uma boa comunicação, pressupõe dois elementos importantes: o conteúdo e o afeto. O conteúdo (forma digital, verbal) diz respeito às informações que se quer comunicar, enquanto o afeto (forma analógica, não-verbal) (Watzlawick, 1981) é a forma com que o conteúdo está sendo expresso (expressão facial, postura, distância entre os interlocutores, tom de voz, velocidade das palavras, etc.) (Wagner, 2015). Estudos de comunicação estimam que apenas 7% dos pensamentos são transmitidos de forma verbal e 93% é não verbal (38% por sinais vocais - tom de voz, velocidade, ritmo, volume e entonação - e 55% pelos sinais do corpo - gestos, expressões faciais, postura) (Silva, 2006). Enfim, o corpo fala alto. Um outro dado interessante é que mulheres tem um melhor desempenho que homens no processamento de informações não-verbais e são ensinadas a ser mais sensíveis a estímulos emocionais não-verbais que os homens (Luz, 2015).

Isso revela a vital importância da comunicação dentro dos relacionamentos conjugais, uma vez que muitos conflitos conjugais são gerados porque a mensagem digital não coincide com a analogicamente transmitida ou então está repleta de contradições, e isso nem sempre é adequadamente percebido pelo outro (Mussi, 2006). Foi o que mostrou a pesquisadora Luz (2015) através de seu estudo que tanto o conteúdo (verbal) quanto à forma (não-verbal) se expressam em distintos aspectos da dinâmica conjugal, sendo unânime o entendimento de que a comunicação entre os cônjuges influencia na conjugalidade e tem características de retroalimentação.

Além disso, o processo humano de comunicação configura-se como um “jogo” com vários níveis, desde os mais superficiais aos mais profundos (Ríos-González, 1994 apud Heckler, 2016), que se realiza automaticamente na medida em que existimos, o ser humano comunica com o próprio ser, e não somente enquanto fala (Bateson, Haley, Jackson, Weakland, 2004 apud Guarnieri, 2010). O primeiro nível, chamado informativo, diz respeito à transmissão de informações do que foi dito, feito

ou visto. Expressa mais a exterioridade das coisas, que num relacionamento de casal está limitado aos aspectos das rotinas quotidianas normais da vida. Já no nível racional aparece algum tipo de consideração reflexiva sobre o fato (Heckler, 2016). Por último, no nível profundo ou emotivo, ao mesmo tempo que são transmitidos dados, estes estão associados a sentimentos e emoções da pessoa que comunica (Heckler, 2016). Relaciona o exterior com o interior, revelando a identidade de cada um. É a comunicação das pessoas que desenvolvem relações afetivas maduras (Moran, 2007), sendo considerado como a comunicação verdadeira, pois é uma comunicação que fala de si mesmo e representa intimidade. Nesse nível, em que as pessoas se comunicam profundamente, percebe-se que têm seus próprios códigos digitais e analógicos, e é atingido quando existe uma relação de confiança, mas também de maturidade individual que permite a cada um dos cônjuges reconhecer "é assim que me vejo", "é assim que te vejo", "é assim que gostaria que tu fosses", "é assim que gostaria que tu me amasses". A partir desse ponto, o que impede a comunicação é superado e se pode percorrer as estradas frequentemente escondidas e mais íntimas da descoberta da intimidade como uma forma de confiança e de abertura ao outro (De Beni, 2005).

No contexto contemporâneo, a comunicação do sujeito está submetida, direta ou indiretamente, à interferência de mídias em seu cotidiano. As atividades básicas do dia a dia são, cada vez mais, realizadas em articulação com algum tipo de mídia, que alteram o modo tradicional de cumprir tais atividades. Esse fenômeno, estudado no campo da comunicação há algumas décadas, recebeu a definição de "mídiatização", que pressupõe que há uma reorganização da sociedade a partir da lógica das novas mídias (Martino, 2014).

A mídia da moda, aquela que todo mundo usa e desponta como fenômeno contemporâneo, depende, essencialmente, de dois fatores vinculados à sua relevância: tecnológico e humano. Do ponto de vista tecnológico, é necessário, por um lado, que a tecnologia usada seja simples e intuitiva - as pessoas não estão dispostas a dispendar tempo para aprender a usar um novo sistema - mas, por outro, tem de apresentar uma inovação suficientemente relevante para substituir aquela que era utilizada até então. Já do ponto de vista humano, a relevância de uma nova mídia está vinculada à capacidade que ela tem de reunir pessoas e conteúdos interessantes em torno dela. Neste sentido, os comunicadores instantâneos encontram um espaço de desenvolvimento, visto que, em geral têm interface fácil e, pela sua natureza, viabilizam o relacionamento de indivíduos por meio da intermediação tecnológica (Carramenha, 2016). O Brasil, por suas características particulares, foi pioneiro na popularização deste tipo de ferramenta, inicialmente por meio do ICQ (*I seek you*) e, mais recentemente, utilizada em smartphones, o *WhatsApp*, objeto de estudo deste trabalho.

Desta forma, considerando que as pessoas têm vivenciado seus relacionamentos de forma instável e efêmera, em função da facilidade de se desconectar e da dificuldade de comunicação que enfrentam (Bauman, 2004), este estudo teve por objetivo verificar se existe associação entre o uso das

mídias digitais, a qualidade conjugal e os níveis de comunicação do casal.

Método

Participantes

Participaram da pesquisa 123 sujeitos, sendo 79% mulheres e 21% homens, de 10 estados brasileiros, na sua maioria do Rio Grande do Sul (79%). A idade média dos participantes foi de 39 anos ($DP = 10,5$), variando de 19 a 60 anos. Os demais dados dos participantes estão dispostos na seguinte tabela:

Situação Conjugal	Variável	N	%
	Casado(a) Oficialmente	77	62,6
	Morando Junto	21	17,1
	União estável	24	19,5
Número de Filhos	Nenhum	44	35,8
	1	25	20,3
	2	43	35,0
	3	6	4,9
	Mais de 3	5	4,1
Escolaridade	Ensino Fundamental (1º Grau)	2	1,6
	Ensino Médio (2º Grau) ou Técnico	4	3,2
	Ensino Superior	53	43,1
	Pós Graduação	64	52,1
Trabalha Fora	Não	27	22,0
	Sim	96	78,0
Esse relacionamento corresponde ao	1º casamento/união estável	102	82,9
	2º casamento/união estável	13	10,6
	3º casamento/união estável	5	4,1
	Superior	2	1,6

Tabela 1 - Dados Sociodemográficos dos Participantes

Conforme pode ser verificado na Tabela 1, o nível de escolaridade foi, preponderantemente, pós-graduados (40%) e a maioria trabalha fora (78%). Relativo ao relacionamento conjugal percebeu-se que a maioria está no primeiro casamento (82,9%), casados oficialmente (63%) há mais de 5 anos, com um filho (20,3%) ou nenhum (35,8%).

Instrumentos

Os participantes responderam aos seguintes instrumentos:

- I. Questionário de Dados Sócio Demográficos: desenvolvido para esta pesquisa a fim de caracterizar a amostra investigada quanto a idade, sexo, nível de escolaridade, situação conjugal, número de filhos, estado brasileiro onde reside e informações sobre o relacionamento.
- II. Questionário sobre o uso da Mídia Digital: desenvolvido para esta pesquisa, este questionário visou obter informações a respeito do uso das mídias digitais. Investigou-se os

tipos de mídia que cada participante utiliza para conversar com o(a) parceiro(a), a frequência desse uso, o tipo de assunto tratado, bem como a interferência da mesma no diálogo do casal.

III. Questionário sobre Comunicação Conjugal (Bienvenu, 1970) – escala de 48 itens pontuados em uma escala do tipo *Likert* de 4 pontos (geralmente, algumas vezes, raramente, nunca) que avalia a capacidade do indivíduo de ouvir, entender e expressar a si mesmo. A soma dos itens formam um escore total representativo de melhores ou piores níveis da comunicação em relação ao cônjuge. O alfa de *Cronbach* encontrado na validação brasileira foi de 0,83.

IV. Escala Revisada de Ajustamento Conjugal (RDAS-P) (*Revised Dyadic Adjustment Scale* de Busby, Christensen, Crane e Larson (1995)) traduzida e adaptada para o português Brasileiro por Hollist et al. (2012). O RDAS-P é um instrumento composto por 14 itens medidos em uma escala do tipo *likert* de 6 pontos, que compõem três subescalas: satisfação, consenso e coesão. A escala é constituída pelas três dimensões: (a) Consenso diádico: mede o grau de concordância sobre assuntos de casal; (b) Satisfação diádica: avalia a estabilidade percebida no relacionamento e como os conflitos são encaminhados; (c) Coesão diádica: avalia a frequência de interações positivas no casal. As subescalas podem ser somadas para formarem um escore total representativo do ajustamento conjugal que varia de 0 a 69, com maiores valores indicando melhores níveis de ajustamento. Os alfas de *Cronbach* do estudo de validação americano foram de 0,85 para satisfação; 0,81 para consenso e 0,80 para coesão. Neste estudo, a análise fatorial exploratória manteve a mesma estrutura fatorial da escala original. A média do ajustamento conjugal da amostra foi de 49,9 (DP = 7).

Procedimentos de Coleta de dados

A coleta dos dados foi realizada *online*, pois, segundo Fidalgo (2007), as formas empreendidas pelas tecnologias da informação e da comunicação trazem consigo ricas possibilidades de estratégias para coleta de dados científica. Os convites foram, inicialmente, enviados por conveniência, ou seja, pessoas às quais a pesquisadora tinha acesso. Isso foi feito através de e-mail ou de mensagens nas redes sociais como *Facebook*, *Whatsapp* e *Instagram*. Aos participantes buscou-se sempre sucessivas indicações, ou seja, utilizou-se da metodologia bola de neve, em que a amostra é não probabilística, os participantes iniciais de um estudo indicam novos participantes, que por sua vez, também indicam novos participantes e assim sucessivamente (Velasco & Diaz, 1997).

Ao acessar o link da página da pesquisa, construída a partir da ferramenta de formulários *online* do *GoogleDocs*, os participantes tiveram acesso a informações sobre os objetivos da pesquisa e ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), podendo optar por participar ou não do questionário da pesquisa. Não foi exigida identificação dos participantes, todos os dados foram

armazenados de forma anônima e sigilosa.

Procedimentos Éticos

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e seguiu todas as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. CAAE nº 59633716.0.0000.5344 aprovado em 17/10/2016.

Análise dos Dados

Os dados foram analisados através do programa estatístico SPSS Statistics - Versão 22. Foram feitas análises descritivas, tais como porcentagens, média, máximo, mínimo, frequência e inferenciais, como qui-quadrado, teste *t* e ANOVA.

Resultados

Análises Descritivas

Com relação ao uso das mídias digitais, a tabela abaixo apresenta os resultados dos participantes deste estudo.

		N	%
Mídias utilizadas	Nenhuma mídia	8	6,5
	Whatsapp	116	93,5
	Facebook	58	46,8
	Instagram	11	8,9
Frequência de uso dessa mídia	Todos os dias	75	62
	De 3 a 4 dias por semana	32	26,4
	Menos de uma vez por semana	10	8,3
	Menos de uma vez por mês		
	Raramente	4	3,3
Frequência Diária de uso da mídia	Muito frequentemente	35	28,9
	Frequentemente	33	27,3
	De vez em quando	32	26,4
	Pouco	13	10,7
	Quase nunca	8	6,6
O uso dessa mídia	Melhora a comunicação conjugal	64	53,3
	Dificulta a comunicação	3	2,5

	Não interfere na comunicação	53	44,2
Assuntos conversados	Do cotidiano, da rotina diária	118	99,2
através da mídia digital	Mais profundos, de si mesmo, da intimidade	23	19,3
	Brigas e discussões	20	16,8
Como ficou a conversa “olho no olho”	Diminuiu por causa do uso mídias digitais	13	10,7
	Aumentou por causa do uso mídias digitais	6	4,9
	Não sofreu modificação	103	84,4

Tabela 2 - Uso das mídias digitais pelos participantes

Verifica-se que a grande maioria (93,5%) dos participantes mencionou usar o *Whatsapp* como mídia digital de comunicação com o(a) parceiro(a), utilizando-a todos os dias (62%) ou de 3 a 4 vezes por semana (26%). Os participantes relataram que a utilização da mídia é muito frequente (29%) ou frequente (27%) ao longo do dia. Além disso, mais da metade dos participantes (53%) informou que utilizar essa mídia digital melhora a comunicação conjugal, já 44% indicaram que sua utilização não interfere na comunicação e apenas 2,5% percebem que seu uso dificulta a comunicação conjugal. Praticamente todos os participantes (99%) informaram que os assuntos conversados através do *Whatsapp* são relativos a questões do cotidiano e da rotina diária do casal. Por fim, uma grande maioria (84%) diz que a conversa “olho no olho” não sofreu modificação, continua acontecendo como antes ao uso do *Whatsapp* e apenas 10% respondeu que houve diminuição.

No que se refere ao ajustamento conjugal (Hollist et al., 2012), os escores tiveram uma variação de 23 a 63, sendo a média 49,9 ($DP = 7$). A maioria dos participantes (56%) apresentou escore na média ou acima dela. Vale ressaltar que 14 participantes apresentaram a pontuação 49, que representa a maior frequência desta amostra. Na versão original e na versão portuguesa, o resultado total da RDAS-P pode variar de 0 a 69, sendo um resultado maior ou igual a 48 indicador de ausência de dificuldade no casal (Correia, 2010).

Com relação aos resultados do Questionário sobre Comunicação Conjugal - (Bienvenu, 1970), os escores variaram de 42 a 137, apresentando uma pontuação média de 102,3 ($DP = 18,9$). A maioria dos participantes (59,3%) apresentou escores acima da média.

Análises Correlacionais

Ao verificar a associação entre Ajustamento Conjugal e a Comunicação Conjugal encontrou-se uma associação significativa ($r = 0,77$; $p < 0,01$), ou seja, as pessoas que percebem ter uma boa comunicação conjugal apresentam também bons níveis de ajustamento conjugal, que no instrumento

usado mede expressão de coesão, consenso e satisfação conjugal. Não foi significativa a associação entre a frequência de uso da mídia digital e o Ajustamento Conjugal ($r = 0,00$; $p = 0,93$), o que demonstra que um maior uso de uma mídia digital não garante um melhor ajustamento conjugal. O mesmo ocorreu quando se verificou a associação com a Comunicação Conjugal ($r = -0,53$; $p = 0,57$), indicando que um maior uso da mídia não está, necessariamente, associado há bons níveis de comunicação conjugal.

Para verificar a associação entre sexo e comunicação conjugal e ajustamento conjugal, foi realizado um Teste t de amostras independentes ($t(121) = -0,33$; $p = 0,73$) que resultou não significativo, ou seja, a comunicação e a satisfação conjugal não estão associadas ao gênero masculino e feminino. Ainda considerando o sexo, verificou-se que quando associado à frequência de uso das mídias, novamente não houve significância, ou seja, a frequência de uso não está associada ao fato de ser homem ou mulher.

Também verificou-se se o tipo de assunto conversado através das mídias digitais está associado ao sexo e, novamente, não encontrou-se uma associação significativa, ou seja, tanto homens como mulheres conversam sobre os diferentes assuntos: do cotidiano e da rotina diária ($r = -0,41$; $p = 0,65$); assuntos mais profundos: de si mesmo, da intimidade ($r = 0,04$; $p = 0,63$) e assuntos relativos a brigas e discussões ($r = -0,45$; $p = 0,62$). Da mesma forma, não houve associação entre o tipo de assunto com a satisfação conjugal quando se trata de assuntos do cotidiano (da rotina diária) ($r = -0,42$; $p = 0,64$) e de assuntos mais profundos (de si mesmo, da intimidade) ($r = 0,07$; $p = 0,44$), porém existe uma associação negativa quando se trata de assuntos relativos a brigas e discussões ($r = -0,20$; $p = 0,03$). Ou seja, quanto maior o ajustamento conjugal, menor será a frequência de conversas relativas a brigas ou de discussões através da mídia digital.

Na associação entre o tipo de assunto conversado através da mídia digital e a comunicação conjugal verificou-se que não existe correlação significativa quando se tratam de assuntos mais profundos ($r = 0,05$; $p = 0,56$) e assuntos do cotidiano ($r = -0,08$; $p = 0,37$). Porém, há uma associação negativa quando se trata de assuntos relacionados à briga ($r = -0,23$; $p = 0,01$), ou seja, quanto melhor a comunicação conjugal menos assuntos relacionados à briga são conversados através da mídia digital.

Ao verificar a associação entre a comunicação conjugal e o uso da mídia digital não encontrou-se uma significância tanto para aquelas pessoas que responderam que a mídia melhora a comunicação ($r = -0,03$; $p = 0,74$) como para aquelas que responderam que não interfere ($r = -0,06$; $p = 0,48$), ou seja, o uso da mídia digital não está relacionado à melhora da comunicação conjugal. O mesmo verificou-se quando relacionado ao ajustamento conjugal, que o resultado não é significativo tanto para as que responderam que o uso da mídia melhora a comunicação ($r = 0,006$, $p = 0,95$) como para que aquelas que responderam que não interfere ($r = 0,035$, $p = 0,71$).

Ao se verificar a correlação entre a frequência de uso da mídia digital e a não interferência, melhora ou dificulta a comunicação entre o casal, obteve-se uma correlação negativa para as respostas “não

interfere” e frequência do uso ($r = -0,28$; $p = 0,02$), ou seja, quanto maior o uso da mídia digital mais as pessoas dizem que ela não interfere na comunicação do casal. Além disso, encontrou-se uma correlação positiva para as repostas “melhora a comunicação” e frequência do uso ($r = -0,29$; $p = 0,01$), ou seja, quanto maior o uso da mídia mais as pessoas referem que ela melhora a comunicação. O uso da mídia digital no sentido de melhorar, não interferir ou dificultar a comunicação do casal teve uma diferença significativa com relação ao ajustamento conjugal $F(2,117) = 5,10$; $p = 0,008$, sendo que o teste *Post-Hoc* de Bonferroni mostrou diferença de valores para o RDAS-P entre aqueles que afirmaram que o uso da mídia digital não interfere na comunicação ($M = 50,13$, $DP = 6,91$) com aqueles que disseram que o uso da mídia dificulta a comunicação ($M = 37,33$, $DP = 12,90$). Ou seja, aqueles que disseram que a mídia digital não interfere na comunicação apresentaram um ajustamento conjugal superior àqueles que afirmaram dificultar a comunicação. Além disso, encontrou-se diferença entre aqueles que afirmaram que a mídia dificulta a comunicação ($M = 37,33$, $DP = 12,90$) quando comparados àqueles que disseram melhorar a comunicação ($M = 50,22$, $DP = 6,57$), sendo que aqueles que percebem uma melhora na comunicação apresentaram melhores níveis de ajustamento conjugal que aqueles que percebem uma dificuldade na comunicação.

A fim de verificar a associação entre a variável que mede se a conversa “olho no olho” diminuiu, aumentou ou não se alterou e a comunicação conjugal e o ajustamento conjugal, foi realizando um Teste *t* de amostras independentes ($t(121) = -1,09$; $p = 0,35$) que resultou não significativo.

Discussão

Esse trabalho se propôs a entender a influência das mídias digitais na comunicação do casal. Mesmo que muitas variáveis estejam relacionadas ao ajustamento conjugal, os estudos mostram que a comunicação tem grande impacto na qualidade da relação conjugal, influenciando diretamente a saúde familiar (Scorsolini-Comin, 2011). Então, aprofundar o estudo para avaliar como esses aspectos estão interligados é de grande relevância na abordagem sistêmica.

A pesquisa revelou alguns dados importantes: praticamente todos (93,5%) entrevistados utilizam *Whatsapp* para se comunicar com seu parceiro(a), usando-o, na maioria das vezes, todos os dias (62%). Os assuntos mais conversados através da mídia, segundo 99% dos participantes, dizem respeito a questões do cotidiano e da rotina diária. E a grande maioria (84%) acredita que o uso da mídia digital não modificou a conversa “face-a-face”, o que evidencia que, para os participantes, as mídias não modificam as conversas face-a-face que o casal realiza. Contudo, estes mesmos participantes revelaram bons níveis de ajustamento conjugal e intimidade. Os dados também mostram que o uso das mídias digitais é extensivo entre os casais participantes da pesquisa. Desde o surgimento das mídias, as pessoas têm se questionado sobre a influência do seu uso nos níveis de comunicação, satisfação e intimidade no casal. Desta forma, pode-se pensar que por serem relações mais íntimas justifique o fato das mídias não exercerem tanta influência, porque é mais “uma forma de encontro” além de todas

as outras que já existem.

A literatura mostra que homens e mulheres se comunicam de formas diferentes, que as mulheres apresentam um melhor desempenho que homens no processamento de informações não-verbais (Baron-Cohen, 2002 apud Milfont, 2012). Nessa amostra, quando verificada a relação entre o tipo de assunto e o sexo, não apareceu essa diferença justamente porque as mídias digitais são utilizadas com maior frequência para assuntos do cotidiano, evidenciando um uso similar das mídias digitais para homens e mulheres.

Outro dado que a pesquisa revelou foi que, existe uma forte relação entre a comunicação e o ajustamento conjugal, o que já é esperado visto que a comunicação é um importante componente da satisfação e qualidade dos relacionamentos conjugais. Esta informação é congruente com outras pesquisas que demonstraram que o ajustamento conjugal dos casais satisfeitos parece ser mais funcional porque parecem dispor de melhores níveis de comunicação (Norgren, 2004). De fato, Luz (2015) afirma que a comunicação assume um papel de vital importância dentro dos relacionamentos conjugais, uma vez que foi a única variável que apresentou mudança ao longo do ciclo vital conjugal em sua pesquisa. Entretanto, os dados revelaram que um maior uso das mídias entre os cônjuges não está associado a maiores ou menores níveis de comunicação, tampouco ao ajustamento conjugal. Ou seja, uma maior frequência no uso das mídias não significa que o casal terá uma melhor comunicação ou maior coesão, consenso e satisfação. Este dado pode estar relacionado ao fato da maioria das conversas dos participantes da pesquisa estarem envolvidas em assuntos do cotidiano e não da intimidade do casal. Contudo, a comunicação é revelada através de aspectos emocionais e de conteúdo. Como os participantes parecem trocar mensagens sobre aspectos mais práticos, as dificuldades de comunicação que muitas vezes são evidenciadas através dos processos emocionais comunicativos parecem não ter desempenhado influência nestes usuários de mídias digitais.

A pesquisa revelou também que quanto maior a satisfação conjugal e o nível de comunicação, menor é o número de conversas relativas a brigas ou discussões através da mídia digital. Esse dado releva um aspecto de saúde dos participantes da pesquisa que pode ser explicado pelo fato deles privilegiarem conversar sobre assuntos difíceis em conversas face-a-face ou que por apresentarem bons níveis de ajustamento conjugal demonstrem maior facilidade de negociar seus conflitos. Foi verificado em outros estudos que diante de situações de crise, os casais satisfeitos demonstram-se pacientes e compreensivos um com o outro, buscando resoluções positivas dos problemas (Norgren, 2004). Com base nisso, pode-se pensar que as pessoas que tem bons níveis de relacionamento discutem menos sobre assuntos difíceis pela mídia, já que verifica-se uma associação entre estratégias positivas de resolução de conflitos e qualidade conjugal.

Os resultados desta pesquisa demonstram que, ao contrário do que o senso comum costuma relatar que, hoje as pessoas estejam só se comunicando de forma *online* e assim perdendo o contato

peçoal, os participantes dessa amostra mostraram estar satisfeitos em seus relacionamentos e que usar as mídias digitais não está dificultando a relação. Ao contrário do senso comum, os resultados da pesquisa apontaram que a maioria (53%) percebe que o uso das mídias melhora a comunicação, e que aqueles que percebem uma melhora na comunicação apresentaram melhores níveis de ajustamento conjugal do que aqueles que percebem uma dificuldade na comunicação. Justamente, porque não a utilizam para brigar ou discutir assuntos importantes, mas para facilitar nas diversas demandas do cotidiano. Realmente, hoje, homens e mulheres trabalham com agendas corridas, e precisam atender tantas demandas e realidades: a própria individualidade, os cuidados da casa, dos filhos por isso nessas questões do dia-a-dia, a ferramenta acaba facilitando pois permite um contato direto e rápido o que antes era mais dificultoso. E isso, pode beneficiar a relação, uma vez que permite que decisões, talvez antes tomadas individualmente pela impossibilidade do contato com o outro, hoje possam ser rapidamente compartilhadas, discutidas e negociadas. Por exemplo, decidir o que se vai ser a janta ou quem vai buscar as crianças porque o trânsito está difícil, etc.

Desta forma, considerando os processos de comunicação, cujos níveis variam dos mais superficiais aos mais profundos (Heckler, 2016) e pressupõe dois elementos importantes: o conteúdo e o afeto, pode-se supor que o uso das mídias digitais esteja contribuindo para a comunicação relativa aos aspectos da rotina cotidiana, que dizem respeito ao conteúdo. Já os níveis mais profundos, ligados à identidade pessoal, à intimidade, não sejam realmente possíveis ainda serem atingidos através de tais ferramentas, pelas próprias limitações que apresentam para expressar sentimentos e emoções, já que estão bem desenvolvidas para a forma digital (níveis verbais) da comunicação e ainda pouco desenvolvidas para a analógica (níveis não-verbais). Entretanto, nos últimos anos, a inteligência artificial, presente em alguns sistemas computacionais mais complexos, avançou bastante, mas ainda encontra muita dificuldade em entender as emoções (Kelly, 2013). Em 2016, o *MIT's Computer Science and Artificial Intelligence Laboratory (CSAIL)* desenvolveu o “EQ-Radio,” um dispositivo que detecta algumas emoções usando sinal *wireless*. Todavia, até o momento ele só consegue prever felicidade, tristeza, raiva e excitação, com 87% de certeza em cada um e ainda há confusão quando as emoções aparecem misturadas (Corner-Simons, 2016). Isso vem ao encontro das respostas dos participantes dessa pesquisa quando questionados sobre o que percebem quanto à conversa face-a-face: se diminuiu, aumentou ou não sofreu modificação e 84% respondeu que não modificou. Depois, quando este dado foi associado aos níveis de ajustamento e comunicação conjugal novamente não houve significância, justamente porque pode-se pensar que nessa amostra existe um equilíbrio saudável na relação conjugal que possibilita um aproveitamento positivo do uso das mídias. Isso pode ajudar a compreender o papel das mídias nas relações, e conseqüentemente também revelar a importância do papel da comunicação face-a-face.

Conclusão

Esse estudo permitiu aprofundar os conhecimentos sobre a influência que as mídias digitais exercem na comunicação conjugal, um fenômeno ainda pouco explorado, porém com grandes impactos na dinâmica das relações familiares. Embora grande parte da amostra tenha sido do sexo feminino, com nível de escolaridade de pós-graduação e residentes no Rio Grande do Sul, pôde-se observar que as relações conjugais que apresentam bons níveis de conjugalidade e de comunicação, o uso das mídias não interfere negativamente, contudo observou-se uma melhora na relação visto que possibilita que assuntos do cotidiano sejam conversados e discutidos de forma mais rápida. Ressalta-se que o grande número de participantes que utiliza as mídias no seu dia-a-dia também possa estar associado ao fato da metodologia de pesquisa ter sido realizada *online*. Os participantes foram convidados e responderam ao questionário *online*, denotando uma familiaridade com ferramentas digitais.

Diante das tais limitações pode ser interessante continuar aprofundando este tema, já que, possivelmente, haveria outros resultados se a amostra fosse de pessoas que não tivessem bons níveis de ajustamento e de comunicação conjugal ou se fossem mais jovens (com idade inferior a 39 anos – média da amostra estudada). Avançar nesse sentido possibilitará uma consciência cada vez maior do uso das mídias digitais, imprescindível para que as pessoas não se entreguem cegamente aos seus encantos, correndo o risco de acabar dependentes de seus recursos, mas saibam usufruir cada vez mais de seus benefícios (Turkle, 2016). E assim, encontrem, com equilíbrio e bom senso, o lugar justo das tecnologias nas suas relações.

Referências

- ANTON, I. L. C. (1998). A Escolha do Cônjuge: Um entendimento Sistêmico e psicodinâmico. Porto Alegre: Artmed.
- BAUMAN, Z. (2004). Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- BIENVENU, M. J. (1970, Janeiro). Measurement of Marital Communication. The Family Coordinator, v. 19, n. 1, p. 26-31. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/582142>>. Acesso em: 20 jul.2016.
- BRASIL. (2014). Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. Pesquisa brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. – Brasília: Secom.
- CARRAMENHA, B. & MANSI, V. R. & CAPPELLANO, T. (2016, Janeiro). WhatsApp e a midiatização da comunicação informal nas organizações. Temática, ano XII, n. 1. Retirado em 12/07/2016, do Temáticas no World Wide Web: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica/article/view/27400/14714>.
- CORNER-SIMONS, A. & GORDON R. (2016, September). Detecting emotions with wireless signals. CSAIL. Retirado em 15/02/2017, do MIT News no World Wide Web: <http://news.mit.edu/2016/>

detecting-emotions-with-wireless-signals-0920.

- CORREIA, M. E. (2010). Avaliação da influência do diagnóstico e dos Tratamentos médicos na qualidade de vida e no Ajustamento conjugal dos pacientes oncológicos num Serviço de Cirurgia Geral. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa. Lisboa. Retirado em 09/02/2017 no World Wide Web: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/2515>.
- DE BENI, M. (2005). *Comunicare per amare - Il dialogo nella vita di coppia*. Roma: Ed. Città Nuova,
- FARAH, R. M. & org. (2004). *Psicologia e informática: o ser humano diante das novas tecnologias*. São Paulo: Oficina do Livro Editora.
- FÉRES-CARNEIRO, T. (1998). Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicol. Reflex. Crit.* [Online], vol.11, n.2, pp.379-394. ISSN 0102-7972. Retirado em 10/08/2016 no World Wide Web: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79721998000200014>.
- FÉRES-CARNEIRO, T.; NETO, O. D. (2010, Maio-Agosto). Construção e dissolução da conjugalidade: padrões relacionais. *Paidéia*, Vol. 20, No. 46, 269-278.
- FIDALGO, A. (2007). Data Mining e um novo jornalismo de investigação. In S. Barbosa (Ed.), *Jornalismo Digital de 3ª Geração. Coleção Estudos em Comunicação* (pp. 143-156). Covilhã, PT: LambcomBooks.
- GUARNIERI, A. C. M.; MARCONDES, F.; MATURANA, B. e WATZLAWICK (2010, Jul/Dez). *Novas Tecnologias e Ausência de Comunicação. Fasci-Tech – Periódico Eletrônico da FATEC-São Caetano do Sul, São Caetano do Sul, v.1, n. 3, p. 22 a 35.*
- GUEDES, S. M. P. Expectativas conjugais de jovens e das suas figuras de vinculação. *Psicologia*, 2005. Retirado em 05/08/2016 no World Wide Web: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0380.pdf>.
- LUZ, S. K. (2015). *Funcionalidade e Comunicação Conjugal em diferentes Etapas do Ciclo de Vida*. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo. Retirado em 10/05/2016 no World Wide Web: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/4942>.
- KELLY, J. E.; HAMM, S. (2013). *Smart Machines: IBM's Watson and the Era of Cognitive Computing*. Columbia University Press.
- MARTINO, L. M. S. (2014). *Teoria das Mídias Digitais: linguagens, ambientes e redes*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- MILFONT, T. L.; COELHO, J. A. P.; PESSOA, V. S.; GOUVEIA, V. V. (2012). Sexo, estilos cognitivos e mapas cognitivos: avaliando suas relações na população geral. *Estud. Psicol.* Vol 17 nº 1. Natal. Retirado em 12/12/2016 no World Wide Web: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2012000100004>
- MORAN, J. M. (2007). *Desafios na comunicação pessoal*. 3ª ed, Paulinas, p.43-50.
- MOSMANN, C.; WAGNER, A.; FÉRES-CARNEIRO, T. (2006). Qualidade conjugal: Mapeando Conceitos. *Paideia*, 16 (35), 315-325.

- MUSSI, M. S. (2006). A interferência da tecnologia da comunicação nas relações conjugais. Brasília. Retirado em 25/08/2016 no World Wide Web: <http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/2945/2/20212915.pdf>.
- NICHOLS, M. P.; SCHWARTZ, R. C. (2007). Terapia familiar: conceitos e métodos. 7. ed. Porto Alegre: Artmed.
- SCORSOLINI-COMIN, F., & SANTOS, M. A. (2011). Relações entre bem-estar subjetivo e satisfação conjugal na abordagem da Psicologia Positiva. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 24(4), 658-665. Retirado em 11/07/2016 no World Wide Web: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v24n4/a05v24n4.pdf>.
- SILVA, I. M.; MENEZES, C. C., & LOPES, R. C. S. (2010). Em busca da "cara-metade": motivações para a escolha do cônjuge. *Estudo de Psicologia*, 3(27), 383-391.
- SILVA, M. J. P. (2006). A comunicação tem remédio - A comunicação nas relações interpessoais em saúde. Edições Loyola, 4ª edição.
- SILVEIRA, B. B.; OLIVEIRA, M. A. M. (2016). Problemas de Comunicação Familiar sob a Perspectiva Sistêmica: relato de experiência. ISSN 1646-6977. Retirado em 14/08/2019 no World Wide Web: http://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo.php?problemas-de-comunicacao-familiar-sob-a-perspectiva-sistemica-relato-de-experiencia&codigo=A0966&area=D11A.
- TURKLE, S. (2016). *Reclaiming Conversation*. Penguin Books: New York.
- VELASCO, H.; DÍAZ DE RADA, A. (1997). *La lógica de la investigación etnográfica. Un modelo de trabajo para etnógrafos de la escuela*. Madrid: Trotta.
- WAGNER, A.; MOSMANN, C. P.; FALCKE, D. (2015). *Viver a dois: oportunidades e desafios da conjugalidade*. São Leopoldo, RS: Sinodal.